

TRAÇOS DOCENTES NAS SUPERFÍCIES CURRICULARES

Marcos da Rocha Oliveira

Resumo

O texto apresenta o arquivo da docência transcriado na insistência de um tempo pandêmico. Aulas virtualizadas, confinamento, corpos apartados do outro, do estranho, do que difere: haverá aí a oportunidade para um novo espaço-tempo curricular? Na iminência de uma aprendizagem com o vírus, as noções de traço e superfície atravessam a própria atividade docente e a noção de currículo, compondo uma perspectiva trânsito para a batalha contra o vírus. Mascaradas, encontram-se Butler e Corazza – que hospedam e transferem traços de um sem número de docentes e curriculistas. E, assim, uma política da diferença é traçada na escrita de superfícies curriculares que contagiam o arquivo da docência, fazendo do próprio texto um testemunho, um curso-de-vida, uma terra de ninguém, onde circulam matérias em um campo de possíveis.

Palavras-chave: currículo; docência; vírus

TEACHING TRACES ON CURRICULAR SURFACES

Abstract

The text presents the teaching archive transcreated in the insistence of a pandemic time. Virtualized classes, confinement, bodies apart from one another, from the strange, from what it differs: will there be an opportunity for a new curricular space-time? In the imminence of learning with the virus, the notions of trace and surface cross the teaching activity itself and the notion of curriculum, composing a defector perspective for the battle against the virus. Butler and Corazza - who host and transfer traces of countless teachers and curriculum scholars - are found masked. And, as so, politics of difference are traced on the writing of curricular surfaces that infect the teaching archive, making the text itself a testimony, a life-course, a no man's land, where matter circulates in a field of the possible.

Keywords: curriculum; teaching; virus

RASGOS DOCENTES EN SUPERFICIES CURRICULARES

Resumen

El texto presenta el archivo docente transcriado en la insistencia de un tiempo pandémico. Clases virtualizadas, confinamiento, cuerpos apartados del otro, del extraño, de lo que difiere: ¿habrá la oportunidad para un nuevo espacio-tiempo curricular? En la inminencia de un aprendizaje con el virus, las nociones de rastro y superficie atraviesan la actividad docente y la noción de currículo, componiendo una perspectiva tránsito para la batalla contra el virus. Enmascaradas están Butler y Corazza - quienes albergan y transfieren rasgos de innumerables maestros y curriculistas. Y así, se perfila una política de la diferencia en la redacción de superficies curriculares que contagian el archivo docente, haciendo del texto mismo un testimonio, un curso de vida, una tierra de nadie, donde las materias circulan en un campo de lo posible.

Palabras clave: currículo; docencia; virus

*linha à deriva
espaço-tempo aberto
onde a vida avança
(Sandra Corazza)*

Se antes não sabíamos que partilhámos as superfícies do mundo, o sabemos agora. A superfície que uma pessoa toca carrega o traço dessa pessoa, hospeda e transfere esse traço, afeta a próxima pessoa cujo toque pousa ali. As superfícies diferem. (Judith Butler)

CURRÍCULO, DOCÊNCIA, VÍRUS

Escrever com os traços que poderíamos dizer alheios não é tarefa incomum. Selecciona-se, hospeda-se e transfere-se aquelas palavras, aqueles gestos intelectuais e políticos que admiramos. Ao recolher os traços em uma superfície textual específica compartilhamos a vida. Para cada nota que segue a noção de currículo contará com um traço da escrita de Sandra Corazza (2009) – sempre no título, entre aspas, por uma questão de doação da origem superficial na qual nos contaminamos. As notas, todas, por sua vez, partem da partilha do mundo tal qual Judith Butler (2020) traça e aborda a docência, o currículo e, por uma imposição do presente, o vírus. Os traços dos demais autores participam da mesma política da diferença que acabamos de expor. As superfícies diferem e a vida avança.

CURRÍCULO “CURSO-DE-VIDA”, SUPERFÍCIE VITAL DE TESTEMUNHO

Aqui já estávamos quando tudo começou¹. As aulas tiveram início e tivemos que lidar com ementas, planos, cronogramas e toda a ordem de acomodações entre os currículos parametrizados, os protocolos institucionais e o desejo da aula. Requerer filiação, tutela e controle pode compor uma estratégia de mudança tão eficaz quanto a micropolítica de torção das normas e de distração das condutas cotidianas. Se for o caso, em tal altura, a vida docente é currículo – “curso-de-vida/vida-em-seu-curso” (CORAZZA, 2009, p. 45). À totalidade diversa e ao assombro documental que a cada uma cabe, encontraremos um sem-número de respostas possíveis, de estratégias vitais e de modos criativos de se catapultar com as contingências.

Talvez de modo mais geral e abstrato, nenhum grande documento ou aparato curricular – como aqueles que nos permitem contornar autoras e perspectivas – previa claramente aquilo que sobre nós se pronunciava. A epidemia, suspensa momentaneamente de seu caráter epidemiológico político – no sentido de Mizoguchi e Passos (2020) – fazia da própria aula, suspensa, uma espécie de comunidade imaginária, uma reserva de vida em espera. Um devir-povo ali aguardava, vivendo sua ausência ou a impossibilidade de exercer certa nuance de sua potência transgressora – frustrar os desejos individuais, realizar-se como acontecimento ou se abrir ao caráter eminentemente virtual que toda aula dramatiza. Todo afastamento e distinção se tornava cada vez mais real e obsoleto, como uma nuvem cinza e densa que paira nos céus e se dissipa com o confinamento progressivo

¹ A data como marca de um testemunho funciona como o indexador das contingências – tal qual a data em um diário íntimo (que não é transparente e positivada como stories). A suspensão das aulas por decisão institucional e, posteriormente, por decretos estaduais, soa como um objeto sem função e, no caso presente, suprime a necessidade de exatidão histórica: Pandemia, 23 de março de 2020 – “Foi nesse dia, para mim”: um efeito de real (BARTHES, 2005).

dos corpos daqueles humanos e humanas social e economicamente aptas a fazê-lo. “Pensando assim, o próprio fato de que eu vivo como” docente “[...] começa a parecer uma ilusão, frágil e sem substância. O meu sentido como indivíduo vai ficando cada vez mais vago. Se eu conseguisse enxergar através da palma das minhas mãos, não me surpreenderia” (MURAKAMI, 2020, s. p.).

Os efeitos sobre os currículos cotidianos e sobre os modos como tal experiência-limite (BLANCHOT, 2007) se condensará nos currículos oficiais e nas legislações institucionais e de Estado são ainda incertos. O que carregamos como alento é o fato de que todo discurso arrasta constrangimentos e possibilidades. A fantasia da língua do povo-da-aula se presentifica na escrita e no pensamento educacional através de traços de um currículo “idolético infável ficcional” (CORAZZA, 2009, p. 43). Com isso, a epidemia, ácido corvo turvo “sobre o povo”, pode se tornar um sobrevoos em um povo-porvir. Sendo assim, um modo de experimentar uma política de escritura diante da pandemia que dilacera marginalizados (“todo o povo”, assim, não é sinônimo de igualdade), de afastar a vergonha diante de pronunciamentos imbecis e condutas cotidianas de apregoamento da extinção do alheio (a hiperprodução ou brutalismo acima de tudo, todas, todos e todes), de tomar o presente em sua potencialidade vital (afastando uma necrológica) é escrevermos sob o efeito de tal vírus. Efeito pandêmico, efeito epidêmico e político: traços virais, signos da terra, linhas de fuga, talvez – ainda suspiramos? – “[...] uma sociedade que se atualiza nas formas de solidariedade e cooperação global” (ZIZEK, 2020, s. p.) – novas superfícies curriculares.

CURRÍCULO DE “CIRCULAÇÃO DE MATÉRIAS”, SUPERFÍCIE DE TRANSCRIÇÃO

Estamos em um cenário de suspensão e suspeita. Suspeita-se da docência, de si, dos corpos dos outros e de sua dramática virtualização aspergida. Diante da névoa úmida da doxa educacional, diversas educadoras e educadores relam nas “superfícies humanas” (BUTLER, 2020, p.1) com espírito conservador e imunitário. Mas, se já não encontram o traço das outras e outros nem ao menos pelos corrimãos, pelos botões dos elevadores, pelas maçanetas, pelos trocos, pelos utensílios de consumo ou pelo contato com a superfície residual dos livros da biblioteca, experimentam a possibilidade de mistura e diferimento por intermédio de noções estranhas, que diziam das outras e outros e marcavam nossas distâncias acadêmicas e sociais. Como algo assim seria possível?

Frequentemente, desde o início da suspensão das atividades presenciais nas universidades, fomos levadas e levados ao paradoxo de encontrar aquelas e aqueles que habitavam as salas ao lado, os mesmos corredores e escadas, mas com as e os quais mantínhamos a mais asséptica distância – aquela do desconhecimento, da mistificação e, por vezes, da pequena batalha político-intelectual que regula os micromundos de departamentos, perspectivas, temas e campos. Como testemunho do uso de um tempo desigual (PELLEJERO, 2020), a interrupção dos estados mentais ordinários pela invisível imprevisibilidade do vírus possibilitou a leitura atenta das sacadas, insights e movimentos de autoras e autores oriundos dos mais diversos campos acadêmicos. A profusão de encontros virtualizados em um tempo com o qual não contávamos permitiu a docentes uma fala e uma escuta de coletivos, perspectivas e grupos que até então permaneciam impermeáveis aos nossos corpos e modos de ensinar e aprender – ou com superfícies tão distantes que perdiam seus traços. Para cada interessada e interessado em situações de ensino, uma nova superfície curricular vai se compondo, com a força da decisão política pela “responsabilidade vital de educar” (CORAZZA, 2016, p. 3115). E os traços, por sorte dos encontros possíveis em uma tecnologia de controle, são estranhos, incomuns, cruzam margens e fronteiras.

Agora, parávamos para ler com atenção aquilo que estava sendo dito alhures, mas que sempre pôde estar presente na sala de aula vizinha. De certa forma, tal operação ou contato com a superfície de pensamento alheio contaminou os modos de pensar e escrever e criou uma espécie de zona de investigação docente e curricular. O arquivo já é outro (CORAZZA, 2016). A enfermidade que acometeu o pensamento diante da possibilidade do vírus – aqui e ali – agudizou distorções e simplificações, sim; mas, o vírus também potencializou aqueles posicionamentos mais assertivos sobre a desigualdade social mundial, a racialização e marginalização e as consequências de uma lógica humana derivada do especismo. Por sua vez, as leituras mais complexas e ligadas aos domínios micropolíticos passaram a prefigurar uma imensa ordem de saídas, de alternativas e de modos vitalistas de posicionar-se diante da mortalha que a todas e todos quer cobrir.

Acima de tudo, a necropolítica tropical (MIZOGUCHI; PASSOS, 2020) encontra suas exatas medidas naquelas populações já degradadas pela desigualdade econômica e social, pelas marcas das diferenças narradas como chagas do mundo, marginalizadas pela hiperprodução do patriarcado capitalizante que se quer alvo. Por um instante, tão longo quanto desigual, docentes e curriculistas de toda ordem não puderam mais esbravejar diante de um inimigo bem posto, com contornos caricaturais ou letras de Estado. A cada coletividade ou comunidade de pensamento foi necessário um gesto de afastamento diante de sacadas fáceis, tais como aquelas que acometem quem simplesmente coloca o vírus no plano de uma orquestração maquiavélica “[...] para a ampliação de políticas ainda mais autoritárias” ou como uma “invenção de laboratório” (PRECIADO, 2020, p. 5).

CURRÍCULO “TERRA DE NINGUÉM”: SUPERFÍCIE DA APRENDIZAGEM VIRAL

As hipóteses simplistas, de um certo modo, negam aquilo que a própria pandemia viral ensina: “[...] o vírus atua à nossa imagem e semelhança, e não faz mais do que replicar, materializar, intensificar e estender à toda a população as formas dominantes de gestão biopolítica e necropolítica que já estavam trabalhando sobre o território nacional” (PRECIADO, 2020, p. 5). Mas, para erigir o grande inimigo, o outro a ser enfrentado com a sintaxe da guerra e, até mesmo, o outro como derivativo da monstruosidade possível em nós, precisa-se de tais hipóteses. A certeza que não dá tréguas é uma estratégia para manter os povos aquém das lições. Repete-se, quer-se crer e fazer crer que: 1) o pleno controle humano-laboratorial, a premissa de que o incontornável não é mais que apenas um erro de procedimento e sua acalentadora possibilidade de reversão daí decorrente; 2) a cura protocolizada, a salvação da espécie se dará pelo exercício pleno de certa humanidade de topologia violentamente imunológica (HAN, 2017); 3) a gestão de um ambiente que não colapse é possível e não necessita de mudanças, apenas ajustes, mesmo que seja por nós operado em uma névoa cadavérica chamada sustentabilidade (FAUSTO, 2020). Há um temor e conservadorismo egocêntrico em tais posturas frente à complexificação da dinâmica viral. A criação de um tempo de interrupção e de um espaço de confinamento brutal (MBEMBE, 2020) operada pelo vírus nos faz antever que sim, que “[...] cada sociedade possa ser definida pela epidemia que a ameaça e pelo modo de organizar-se frente a ela” (PRECIADO, 2020, p. 5). Talvez, trate-se de uma fatalidade a ser aprendida.

Ao individualizar o agente do terror, sem rosto e também sem máscara, retoma-se uma longa linhagem de matriz político-imunológica. A idealidade individual moderna desliza e, agora, até mesmo os traços da branquitude, da heteronormatividade e da masculinidade hegemônica podem ser mortais. O agente econômico livre que se arrasta desde as “[...] democracias liberais e

patriarco-coloniais” (PRECIADO, 2020, p. 3) tenta olhar o futuro por trás de suas mãos e esquecer o seu rosto; porém, tanto esforço em manter-se apartado de qualquer comunidade real e dotar-se de uma corporeidade imune aos assaltos da diferença não se sustenta. Pode-se esbravejar, tentar alocar em coletivos marginalizados as chagas virais e fazê-los não conseguir respirar. Casas de praia, de campo, jatos e condomínios que contam o romance de uma clausura paradisíaca (e conquistada com a miséria de muitos) são tão eficientes quanto viaturas blindadas. O ar penetra e os traços virais encontram indistintamente... Não há fuga para o pleno exercício da necropolítica.

Há uma espécie de fé no capital neoliberal e hiperprodutivo, na salvação pelo infundável consumo virtual, no atordoamento de mensagens instantâneas e publicização pornográfica (HAN, 2007) de si. Mas, para quem a vivência com o outro é o único possível, relar-se em ônibus, trens, metrô, em preparos, entregas e em moradias abarrotadas, reitera um tipo de consciência coletiva (às vezes torporizada pela exaustão) que somente a correria institui: fechar o corpo por acoplamento, supressão de distâncias e compartilhamento de traços de si: “[...] é o teste, é o teste, é a febre, é a glória” (CRIOLO, 2006). E é aí, então, na lição viral que mostra a unicidade superficial do mundo, onde o humano reconhece os seus monstros marginalizáveis e os demais animais – em cômoda separação discursiva – na qual os espíritos viventes se encontram na pele vital: classes ou espécies não se sustentam nos traços que são compartilhados até a morte.

Não há fato biológico ou pureza idealizada que nos proteja sob o bunker de uma imunidade corporal – mesmo quando o claustro é forrado com a volatibilidade do capital e seu emaranhado de linhas de marginalização e morte. A imunidade desejada, mesmo quando travestida em ciência, ainda é dependente de lutas pela significação social das diferenças e suas manifestações, pois “[...] o que entendemos por imunidade se constrói coletivamente através de critérios sociais e políticos que produzem alternativamente soberania ou exclusão, proteção ou estigma, vida ou morte” (PRECIADO, 2020, p. 4). Tanto o é que a banalidade da monstruosidade humana atravessa vidas e vidas sem imunizar os indivíduos. Tanto o é que traços eugênicos transmigram nas “[...] políticas neoliberais de gestão de suas minorias racializadas e das populações imigrantes” (PRECIADO, 2020, p. 3). O pangolim somos nós. Há muito esforço sistêmico para erigir e manter novas fronteiras. Muros e reconhecimento facial. Hiperprodução de dados por cruzamentos algorítmicos. Aceleração e positividade transparente. Controle nano-ontológico. E todo o calor como subproduto da queima de vidas e agregados vitais que daí pode vir: aves, bovinos, porcos e humanos em confinamento – um sistema saturado, como o ar rarefeito e higienizado de abatedouros, lixões e vidas pós-apocalípticas que são a realidade e o aqui-e-agora de marginalizados (HARAWAY, 2020, s. p.).

“A nova fronteira é a máscara. O ar que você respira deve ser somente seu. A nova fronteira é a sua epiderme” (PRECIADO, 2020, p. 10), insistem. Muros de panos e filtros, acampamentos, cercas e ilhas. Chuva ácida nas ações do mercado de carbono. Mas, somente agrupamos um conjunto de traços na superfície ou pele do mundo – um pequeno conjunto, diga-se de passagem. O vírus, quem sabe, ensine que estamos em um mundo sem dono – de qualquer espécie – onde tempo e espaço se fazem em um “devir-com” (HARAWAY, 2020, s. p.) e, também, com a afirmação das estranhezas. Como a baixa saturação de um sistema que arde. Como um sorriso sob as máscaras.

CURRÍCULO “CAMPO DE POSSÍVEIS”: SUPERFÍCIE DE DESPROGRAMAÇÃO

A cada gesto de articulação de defesas, em cada microestratégia de proteção podemos deslindar uma noção de imunidade. Tais posturas e linhas, por sua vez, mostram como a

comunidade à qual pertencemos lida com as questões de vida e de morte, dando “[...] a si mesma a autoridade para sacrificar outras vidas, em benefício de uma ideia de sua própria soberania” (PRECIADO, 2020, p. 3). É claro que nem toda relação se constrói explicitamente ligada à soberania desejada; em termos de equivalência, parece que pouca ou quase nenhuma atitude redundante em morte – o abate não ocorre no quintal de nossa casa, as execuções não são visibilizadas. “Nesse mundo [...]”, por exemplo, “[...] a maior parte das doenças está ligada ao consumo de animais. No nosso, embora muitas vezes encubramos o fato, as doenças também costumam estar ligadas a um (mau) convívio com eles” (FAUSTO, 2020, p. 2). Mas, o descarte de viventes outros e os modos de se relacionar no presente se perfazem com o horizonte de um futuro programado (LAPOUJADE, 2013) e com uma série de versões do passado – apagamento, silenciamento e promoção de subjetividades prontas para perpetuar a imunidade comunitária. E, assim, um traço de morte desliza pelas superfícies dos conglomerados, da vida para o consumo, da economia transformada em neurobiologia – como afirma Mbembe (2020) – para a epidemia que tentamos erradicar com fricção de objetos e separação de pessoas e demais viventes.

“Fala-me como a sua comunidade constrói a própria soberania política e lhe direi quais formas tomarão as suas epidemias e como você as enfrentará”, é o vaticínio de Preciado (2020, p. 4) que demonstra o que dizíamos. Fricção das superfícies com soluções assépticas e enclausuramento total não correspondem a um mundo cujas transformações são da produção material para a digital e do já presente controle de uma forma de humanização “[...] biossintética suscetível à codificação” (MBEMBE, 2020, s. p.). Mas, aqui e ali, até mesmo a arquitetura já prenuncia, para aqueles de uma realidade comunitária não excedente (não-marginalizados, não-migrantes e não contabilizados como toda a sorte de vidas-extras a serem descartadas ou geridas como vidas-em-espera), o pleno claustro individual – com o mínimo de lembrança da existência concreta daqueles que diferem de si (cada uma e cada um em seu habitáculo, como unidade biossintética plena, cujos metadados prefiguram uma experiência de vida única e massivamente igual, personalizável via detecção de movimentos oculares diante da tela, tempos e cliques e carícias deslizantes na tela sensível). No interior de uma mesma moradia, aqueles que podem desejam aposentos plenos, onde o espaço e a superfície estejam aquém da necessidade de fricção. Se “[...] estamos passando de uma sociedade escrita para uma sociedade ciberoral” ou mesmo “[...] de uma sociedade orgânica para uma sociedade digital”, também vivemos a passagem “[...] de uma economia industrial a uma economia imaterial, de uma forma de controle disciplinar e arquitetônico para formas de controle microprostéticas e midiático-cibernéticas” (PRECIADO, 2020, p. 7).

CURRÍCULO “PALAVRA-TOTAL”: SUPERFÍCIE DA DOCÊNCIA VIRTUALIZADA

O apagamento analógico do rosto pelo uso de máscaras explicita o apagamento que operamos radicalmente e não reconhecemos, pois ocorre via hiperinformação, manipulação digital de selfies, produção desejante pelo igual, transparência pornográfica e positividade (HAN, 2007). O imperativo recolhimento e a ordem de não-deslocamento aos hospitais como medida de contenção e gestão da vida e da morte mostra os limites das instituições disciplinares. Do mesmo modo, aulas virtualizadas ou arremedos emergenciais também mostram quão desnecessária parecem ser as instituições escolares e as universidades. Será? Professores e produtores de conteúdos digitais compartilham câmeras, apetrechos de iluminação e som. Além disso, muitas vezes, docentes também se impelem a igualarem-se àqueles que já dominavam as plataformas digitais, como nativos do igual e da superestimulação. Não raro, dicas pululam e regulam a docência virtualizada e a pergunta “como dar uma aula?” – outrora desejosa de especialistas – agora se

atualiza em “como dar uma aula virtual?” – recrutando para a sua constituição aquelas e aqueles *tubers* de toda a sorte de mil *likes* (seria interessante imaginar o tratamento que Corazza daria a tal pergunta, uma vez que a primeira versão da questão foi por ela desconstruída).

Em aulas virtualizadas em razão do vírus ou em encontros via plataformas digitais por ele acelerados, os docentes titubeiam quanto à regulação dos corpos e das subjetividades. Pois esperamos – como uma condição ontológica – diante dos traços da superfície curricular da docência, da obsolescência e do vírus (MUNHOZ, COSTA, LULKIN, 2020). Não há castigo ou carteiras enfileiradas, círculos ou seminários, sinetas ou filas, tempos cronometrados ou métricas espaciais específicas, cheiros ou risos, conflitos ou perguntas. Mas, há uma política incerta sobre microfones abertos ou fechados, sobre rostos, restos e traços dos claustros em câmeras abertas ou o apagamento das e dos demais participantes e a solidão docente, monólogo catedrático e solitário dragado ao fantástico mundo da casa de quem ainda pensa em situações de ensino. Quem assistiu? Livros, janelas, roupas, paredes, quadros: o que há no fundo? Qual sorte de ruído irá compor a aula virtualizada? Onde a integração de pleno ruído informativo e positivado se fará? A aula emergencialmente virtualizada é modulada “[...] por um conjunto de tecnologias biomoleculares, microprostéticas, digitais e de transmissão de informação” (PRECIADO, 2020, p. 7-8). Aula como música de fundo, aula “aberta” enquanto aproveita-se para capitalizar o tempo para algo mais, para outro mais, para mais qualquer coisa... e a insuportabilidade de certos traços docentes resistirem à demanda por tornarem-se apenas mais um ruído, um conjunto de metadados, uma informação a ser atualizada na linha do tempo de uma rede social virtual ou um trecho a ser cancelado. Quem sabe? A aula é um canto de vida, uma palavra futura, a polifonia das existências que vibram.

CURRÍCULO, DOCÊNCIA E VELOCIDADE

Os traços recolhidos em produções que pensam o presente carregam as noções que compõem a névoa das teorias curriculares, das pesquisas sobre didática e ensino, sobre a educação contemporânea. A abordagem do currículo praticada por Sandra Corazza (2009; 2013; 2016) hospeda os traços que ligam os viventes. Judith Butler (2020) chama de humanos aqueles traços que nos cabem mesmo que as superfícies vitais difiram. Diante do vírus e suas duras lições temos a certeza de que “[...] já passou da hora de a nossa política aprender a arte multiespecífica da polifonia” (FAUSTO, 2020, p. 10), inclusive para entendermos que o ruído do mundo pulsa a vida, em sua dimensão inexorável. “Precisamos de um parlamento dos corpos planetário, um parlamento não definido em termos de políticas de identidade nem de nacionalidade, um parlamento de corpos vivos (vulneráveis) que habitam o planeta Terra” (PRECIADO, 2020, p. 14). Pois esperamos e anotamos nossa existência, nossa responsabilidade assumida de transcriar os traços da vida pelas superfícies da docência e dos currículos. Assim, “[...] seremos capazes de redescobrir nosso pertencimento à própria espécie e nosso vínculo inquebrável com o conjunto do vivente?” (MBEMBE, 2020, p. 11). Assumiremos que “[...] só resta a cada geração viver respirando o ar de seu tempo, sentindo pesar sobre os ombros a gravidade particular daquele momento?” (MURAKAMI, 2020, s. p.). O vírus expressa apenas que aqui já estávamos. Abandonados como a gata rajada do pai de Haruki Murakami. Velozes por dobrar o tempo e o espaço. Escrevendo com traços docentes nas superfícies curriculares do mundo.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A preparação do romance I*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- BUTLER, Judith. *Traços humanos nas superfícies do mundo*. 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/042>. Acesso em 25 maio 2020.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo. In: AQUINO, Julio Groppo; CORAZZA, Sandra Mara (orgs.). *Abecedário: educação da diferença*. Campinas: Papius, 2009, p. 40-46.
- CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez. 2016.
- CRIOLO. *É o teste*. Ainda há tempo. 2006. Disponível em <http://www.criolo.net/aindahatempo/>. Acesso em 1 jun. 2020.
- FAUSTO, Juliana. *Contra quem se vingam os animais?* 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/040>. Acesso em 23 maio 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema*. 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/137>. Acesso em 8 ago. 2020.
- LAPOUJADE, David. *Desprogramar o futuro*. 2013. Disponível em <https://artepensamento.com.br/item/desprogramar-o-futuro/>. Acesso em 1 abr. 2020.
- MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*. 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/020>. Acesso em 25 maio 2020.
- MIZOGUCHI, Danichi H.; PASSOS, Eduardo. *Epidemiologia política*. 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/015>. Acesso em 18 maio 2020.
- MUNHOZ, Angélica V.; COSTA, Cristiano B.; LULKIN, Sergio A. (orgs.). *Porque esperamos* [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210654>. Acesso em 30 jun. 2020.
- MURAKAMI, Haruki. *Abandonar um gato*. O que falo quando falo de meu pai? 2020. Disponível em <https://quatrocinco.um.folha.uol.com.br/br/artigos/1/abandonar-um-gato>. Acesso em 8 ago. 2020.
- PELLEJERO, Eduardo. *Contingência, solidão, interrupção: ideias isoladas sobre um tempo com o qual não contávamos*. 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/029>. Acesso em 4 maio 2020.
- PRECIADO, Paul B. *Aprendendo do vírus*. 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/007>. Acesso em 27 abr. 2020.
- ZIZEK, Slavoj. *Zizek vê o poder subversivo do Coronavírus*. 2020. Disponível em <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/zizek-ve-o-poder-subversivo-do-coronavirus/>. Acesso em 3 ago. 2020.

Submetido em agosto de 2020
Aprovado em novembro de 2020

Informações do autor

Marcos da Rocha Oliveira

Zona de Investigações Poéticas/UERGS

E-mail: marqosoliveira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9860-3720>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7302405794864113>